

## 25º Congresso Nacional de Iniciação Científica

**TÍTULO:** IMPACTO DA AUTOMEDICAÇÃO COM OS FATORES DE RISCO PARA A SAÚDE PÚBLICA

**CATEGORIA:** CONCLUÍDO

**ÁREA:** CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE

**SUBÁREA:** Farmácia

**INSTITUIÇÃO:** FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS - FIFE

**AUTOR(ES):** ANA JÚLIA GARCIA TOMÉ, BIANCA OLIVO BERNARDES, YASMIN OLIVO DOS SANTOS, GABRIELA FARIA NEVES

**ORIENTADOR(ES):** RONEY EDUARDO ZAPAROLI

## CATEGORIA CONCLUÍDO

### 1. RESUMO

O presente trabalho aborda o impacto da automedicação e seus fatores de risco para a saúde pública, com ênfase no papel da atenção farmacêutica como medida preventiva. A prática da automedicação é historicamente comum, muitas vezes associada à facilidade de acesso a medicamentos e à falta de orientação profissional, o que pode gerar complicações clínicas relevantes. Este estudo tem como objetivo analisar os principais riscos decorrentes da automedicação, como interações medicamentosas, resistência antimicrobiana, mascaramento de sintomas, intoxicações e complicações em doenças crônicas. A metodologia consistiu em uma revisão bibliográfica de artigos científicos, publicações acadêmicas e diretrizes em saúde, selecionados nos últimos dez anos, a fim de identificar os efeitos adversos e as consequências sociais dessa prática. Os resultados evidenciam que a automedicação está diretamente relacionada ao aumento da morbimortalidade e à sobrecarga do sistema público de saúde, reforçando a necessidade da intervenção farmacêutica. Conclui-se que a orientação adequada do profissional farmacêutico, associada a campanhas de conscientização, é fundamental para minimizar os riscos da automedicação e promover o uso racional de medicamentos, contribuindo para a qualidade de vida da população.

### 2. INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática recorrente no cotidiano da população, caracterizada pelo uso de medicamentos sem orientação médica, geralmente associada à busca de alívio imediato para sintomas. Apesar de parecer prática e acessível, essa conduta pode gerar sérios riscos, como intoxicações, interações entre fármacos, reações adversas e agravamento de quadros clínicos (SOUZA; LIMA, 2021).

No Brasil, a automedicação é um hábito frequente, motivado pela ampla disponibilidade de medicamentos, pela pressa em obter resultados e, em muitos casos, pela ausência de acompanhamento profissional (SOTERIO; SANTOS, 2016). Estudos apontam que a prevalência dessa prática no país gira em torno de 16,1%, com maior ocorrência nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O perfil mais comum envolve mulheres e pessoas com doenças crônicas, que utilizam, em grande parte, medicamentos de venda livre, como analgésicos e relaxantes musculares (BERNARDI; CUNHA; REIS, 2016).

Um ponto crítico da automedicação é o uso abusivo de antimicrobianos, que tem favorecido o avanço da resistência bacteriana, considerada atualmente um desafio global para a saúde pública. Esse quadro impacta diretamente o sistema de saúde, elevando as taxas de internação e a demanda sobre o SUS. (SILVA; OLIVEIRA, 2021) (WHO, 2020).

Diante desse cenário, a atenção farmacêutica assume papel estratégico na redução dos efeitos nocivos da automedicação. Esse conjunto de práticas, centradas no paciente, busca promover o uso racional de medicamentos, garantindo segurança e eficácia nos tratamentos. Pesquisas evidenciam que a atuação do farmacêutico, por meio de orientações, educação em saúde e acompanhamento da terapêutica, é fundamental para prevenir reações adversas, resistência bacteriana e outras complicações (SILVA et al., 2016) (CIPRIANO; PEREIRA, 2015).

Assim, este estudo, fundamentado em revisão bibliográfica, tem como propósito analisar os riscos da automedicação e seus impactos na saúde coletiva, ressaltando a importância do trabalho do farmacêutico na prevenção e no incentivo ao uso racional dos medicamentos (PINHEIRO; ALMEIDA, 2019).

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Verificar o impacto da automedicação e seus fatores de risco para a saúde pública, enfatizando as consequências clínicas e sociais dessa prática e a importância da atuação farmacêutica na promoção do uso racional de medicamentos.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Detectar os principais fatores que levam a população à prática da automedicação;

Analizar os riscos associados, como intoxicações, reações adversas, interações medicamentosas;

Apurar os impactos da automedicação no sistema público de saúde, especialmente na sobrecarga dos atendimentos e hospitalizações;

Discutir o papel do farmacêutico na orientação, prevenção e educação em saúde quanto ao uso adequado de medicamentos;

Propor estratégias de intervenção em saúde pública que contribuam para a redução da automedicação e a promoção da segurança terapêutica;

#### **4. METODOLOGIA**

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e com caráter descritivo-analítico, voltada à investigação do impacto da automedicação e dos fatores de risco associados para a saúde pública.

A escolha desta metodologia justifica-se pela necessidade de reunir, organizar e analisar informações já publicadas na literatura científica e em documentos oficiais de saúde, a fim de compreender os riscos, consequências e estratégias de prevenção relacionados à prática da automedicação.

O estudo utilizou fontes como SciELO, PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico, repositórios institucionais e portais especializados em saúde pública. Foram incluídos artigos científicos, teses, dissertações, diretrizes clínicas e documentos técnicos publicados entre 2010 e 2025, em português, inglês ou espanhol, que abordam temas como automedicação, uso inadequado de medicamentos, efeitos adversos, interações medicamentosas, resistência antimicrobiana e estratégias de atenção farmacêutica para prevenção de riscos à população.

#### **5. DESENVOLVIMENTO**

##### **5.1 ATENÇÃO FARMACÊUTICA E AUTOMEDICAÇÃO**

A atenção farmacêutica exerce papel fundamental na prevenção dos riscos relacionados à automedicação, atuando como um mecanismo de vigilância para o uso seguro dos medicamentos. Com o acompanhamento e a orientação adequada da população, torna-se possível reconhecer condutas de risco, monitorar reações adversas, evitar interações entre fármacos e incentivar o uso racional dos medicamentos. Além disso, o registro sistemático dessas informações contribui para a geração de dados que podem subsidiar políticas públicas e estratégias de saúde (PINHEIRO; ALMEIDA, 2019).

##### **5.2 PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO**

A automedicação refere-se ao consumo de medicamentos sem prescrição, orientação adequada ou acompanhamento profissional, podendo envolver analgésicos, antibióticos, anti-inflamatórios, entre outros. Essa prática é motivada por fatores como acesso facilitado a farmácias, influência de mídia, experiências prévias

com medicamentos e percepções individuais sobre sintomas. Apesar de proporcionar alívio imediato, o uso inadequado pode levar a intoxicações, agravamento de doenças, reações adversas. (SOUZA; LIMA, 2021).

### **5.3 OS FATORES DE RISCO À SAÚDE PÚBLICA**

Os fatores de risco associados à automedicação incluem a falta de conhecimento sobre posologia, efeitos adversos, interações medicamentosas e contraindicações, bem como a autoavaliação incorreta da gravidade dos sintomas. Esses fatores impactam não apenas o indivíduo, mas também o sistema de saúde, aumentando a demanda por atendimentos de emergência e hospitalizações, além de contribuir para o surgimento de problemas sociais e econômicos relacionados à saúde pública (BRASIL, 2012).

### **5.4 EFEITOS E IMPACTOS DECORRENTES DO USO INADEQUADO DE MEDICAMENTOS**

O uso inadequado de medicamentos pode ocasionar efeitos clínicos significativos, como intoxicações agudas, reações adversas graves e complicações decorrentes de interações entre fármacos. Em nível populacional, evidencia-se o incremento dos custos para os serviços de saúde. A educação em saúde e o acompanhamento pelo farmacêutico desempenham papel crucial na redução dessas consequências, orientando sobre o uso correto dos medicamentos e promovendo a conscientização quanto aos riscos da automedicação (SILVA; OLIVEIRA, 2021).

### **5.5 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E CONTROLE**

Para minimizar os efeitos da automedicação, a atenção farmacêutica deve incluir ações como orientação direta ao paciente, campanhas educativas, controle da dispensação de medicamentos e integração com políticas de saúde pública. A atuação do farmacêutico é essencial para identificar padrões de risco, intervir precocemente em casos de uso inadequado e promover o uso racional de medicamentos, contribuindo para a redução de eventos adversos e melhorando a segurança terapêutica da população (COSTA et al., 2020).

## 6. RESULTADOS

A análise da literatura evidencia que a automedicação se configura como um fenômeno recorrente em regiões do Brasil, condicionado por determinantes sociais, culturais e estruturais do sistema de saúde. Pesquisas mostram uma prevalência aproximada de 16,1%, com maior incidência entre mulheres, indivíduos com doenças crônicas e residentes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, revelando desigualdades regionais e de gênero na prática (ARRAIS et al., 2016).

Fatores como a ampla disponibilidade de medicamentos de venda livre, a busca por soluções imediatas para sintomas recorrentes, o histórico de experiências anteriores com determinados fármacos e as barreiras de acesso a serviços médicos emergem como elementos centrais para a manutenção do hábito de se automedicar. (DOMINGUES et al., 2017; ARRAIS et al., 2016).

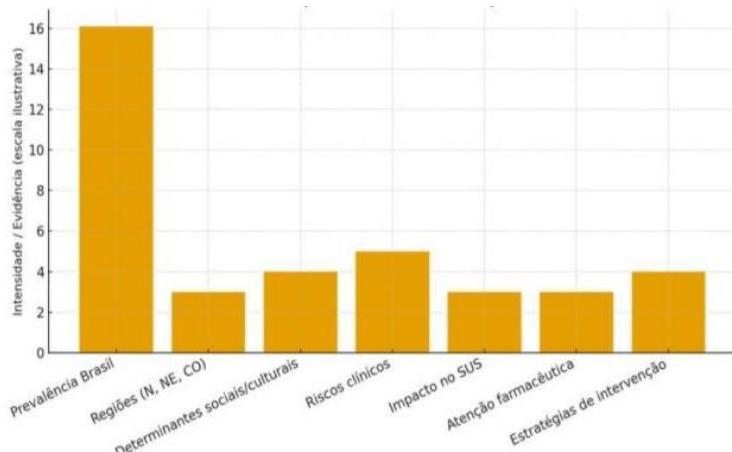
Os riscos decorrentes da automedicação ultrapassam a esfera individual, uma vez que envolvem o mascaramento de sintomas clínicos, atrasos diagnósticos, utilização de doses incorretas e ocorrência de reações adversas. Particularmente preocupante é a relação direta entre essa prática e o avanço da resistência antimicrobiana, reconhecida pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma das mais graves ameaças contemporâneas à saúde pública global (OPAS/OMS, 2023). Dados recentes do Conselho Federal de Farmácia (CFF, 2024) revelam que 77% da população brasileira admite recorrer à automedicação, consolidando a magnitude do problema no contexto nacional e reafirmando sua relevância epidemiológica.

As implicações para o sistema de saúde público também são expressivas, já que estudos apontam sobrecarga nos serviços de emergência, internações por intoxicações e custos adicionais relacionados ao manejo de problemas associados a medicamentos (PRMs), comprometendo a sustentabilidade financeira e a eficiência do Sistema Único de Saúde (SUS). Portanto, a automedicação não deve ser compreendida apenas como uma escolha individual, mas como uma questão de saúde coletiva, com impacto direto nos indicadores de morbimortalidade e na gestão de recursos (TIGUMAN; MORALES JUNIOR, 2020).

A assistência farmacêutica se apresenta como um componente estratégico fundamental para reduzir os perigos associados à automedicação. Práticas como revisão da farmacoterapia, acompanhamento clínico contínuo e ações educativas comunitárias demonstram eficácia na prevenção de complicações, na resolução de

PRMs e na promoção do uso racional de medicamentos (LYRA JR. et al., 2007; SILVA et al., 2020). Revisões integrativas recentes mostram que a atuação farmacêutica favorece a adesão terapêutica, reduz a ocorrência de eventos adversos e fortalece a corresponsabilização do paciente no processo de cuidado (BARROS; LULA-BARROS; REIS, 2020)

De forma complementar, diferentes estratégias de saúde pública são apontadas como fundamentais: programas permanentes de educação em saúde, ampliação da atenção farmacêutica na Atenção Primária à Saúde e integração de sistemas de vigilância toxicológica. Tais iniciativas, em conjunto, configuram políticas públicas capazes de assegurar maior segurança terapêutica e fortalecer a proteção da saúde coletiva (BARROS; LULA-BARROS; REIS, 2020; OPAS/OMS, 2023).



Fonte: Arrais et al. (2016); Domingues et al. (2017); OPAS/OMS (2023); SINITOX (2023); Tiguman; Morales Junior (2020); Lyra Jr, et al. Silva et al. (2020); Barros; Lula-Barros; Reis (2020). Adaptado pela autora (2025).

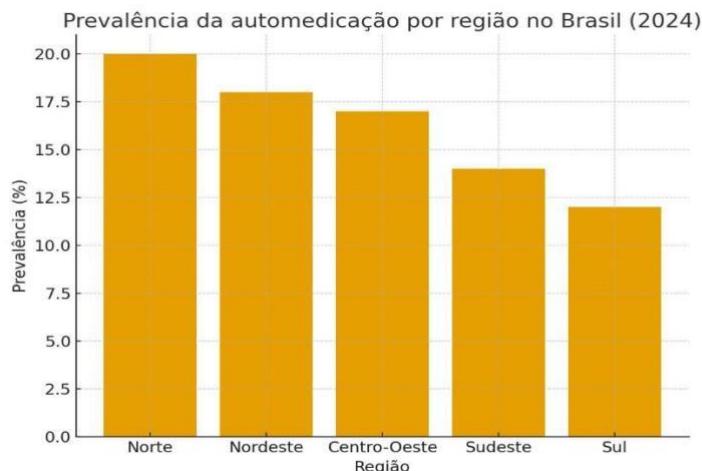
**Gráfico 1**- Aspectos da automedicação no Brasil (2007- 2025).

O Gráfico 1 mostra a intensidade de fatores relacionados à automedicação no Brasil. A 'Prevalência Brasil' é o fator mais intenso, destacando a ampla ocorrência da automedicação. Fatores como 'Regiões', 'Determinantes sociais/culturais' e 'Riscos clínicos' também são relevantes, enquanto 'Impacto no SUS', 'Atenção farmacêutica' e 'Estratégias de intervenção' mostram menor intensidade, mas ainda são importantes para o combate à automedicação.

Um ponto que merece destaque refere-se à banalização do consumo de medicamentos no Brasil. A percepção social de que fármacos de uso comum, como analgésicos e anti-inflamatórios, não oferecem riscos relevantes contribui para a

normalização da automedicação em diferentes faixas etárias. Essa naturalização, frequentemente reforçada por propagandas midiáticas e pela prática cultural de compartilhar experiências de tratamento entre familiares e vizinhos, dificulta o reconhecimento dos perigos associados ao uso indiscriminado de substâncias farmacológicas (SILVA et al., 2024).

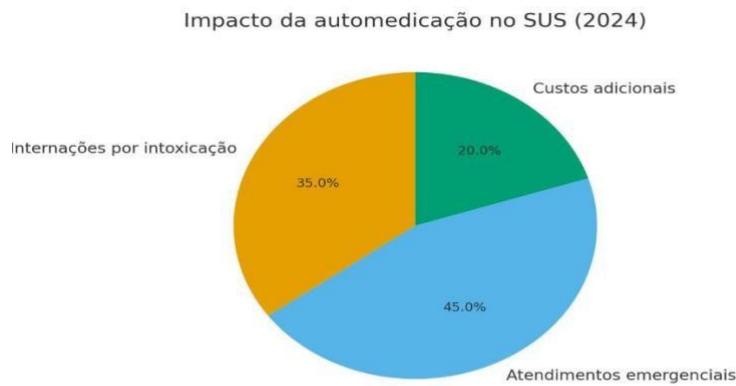
Comparações com cenários internacionais demonstram que a automedicação é um desafio de caráter global, embora com prevalência e impactos diferenciados. Em países da União Europeia, por exemplo, estudos apontam taxas inferiores às brasileiras, atribuídas à maior rigidez na regulação da venda de medicamentos e à integração mais estruturada dos farmacêuticos na atenção primária. Essa discrepância evidencia a necessidade de repensar os mecanismos de regulação no Brasil, bem como ampliar investimentos em políticas educativas e preventivas adaptadas às especificidades culturais da população (WHO, 2022).



Fonte: ARRAIS, P.S.D. et al. (2016) .

**Gráfico 2** – Prevalência da automedicação por região do Brasil (2024).

Em 2024, a automedicação no Brasil apresentou uma grande variação regional, como evidenciada no gráfico 2. As maiores taxas estão no Norte (20,0%) e Nordeste (18,0%), enquanto as menores se encontram no Sul (12,0%) e Sudeste (14,0%). O Centro-Oeste registrou um índice intermediário de 17,0%.



Fonte: Ministério da Saúde – DATASUS (2024).

**Gráfico 3 – Impacto da automedicação no SUS (2024).**

O gráfico 3 revela as consequências da automedicação, onde os atendimentos emergenciais representam 45% do impacto, seguidos por 35% de internações por intoxicação. Já os custos adicionais somam 20% do impacto total, demonstrando que a automedicação sobrecarrega o SUS com demandas de emergência, internações e despesas.

A carência de programas permanentes de conscientização voltados às comunidades, trabalhadores e grupos vulneráveis contribui para a manutenção de hábitos inadequados relacionados ao uso de medicamentos. Assim, o desenvolvimento da competência em saúde entendida como a aptidão para interpretar, avaliar e aplicar informações criticamente constitui um recurso indispensável para mudar práticas de automedicação e promover uma cultura de cuidado mais responsável e sustentável no Brasil (OPAS/OMS, 2023).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências indicam que a automedicação é uma prática comum no Brasil, mas que traz sérios riscos à saúde da população. Fatores sociais e culturais contribuem para sua disseminação, enquanto complicações como intoxicações, reações adversas, atrasos no diagnóstico e resistência antimicrobiana tornam a situação ainda mais preocupante. Esses problemas refletem diretamente sobre o Sistema Único de Saúde, aumentando internações, atendimentos de urgência e custos relacionados ao uso inadequado de medicamentos.

Para enfrentar essa questão, a intervenção da atenção farmacêutica é indispensável, pois atua diretamente na promoção do uso racional de medicamentos

e na segurança terapêutica, com destaque para sua aplicação na Atenção Primária à Saúde.

É importante envolver a sociedade nesse processo, promovendo a conscientização sobre os riscos da automedicação e incentivando a busca por orientação profissional antes do uso de qualquer medicamento. A participação ativa de escolas, comunidades e veículos de comunicação pode reforçar hábitos saudáveis, ajudando a construir uma cultura de cuidado responsável e colaborando para a redução dos impactos negativos dessa prática.

## 8. REFERÊNCIAS

- ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 2, p. 13s, 2016.
- ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 2, p. 13s, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>. Acesso em: 8 set. 2025.
- BRASIL – Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Dados de intoxicações por medicamentos no Brasil. [S.I.], 2023. Acesso em: 31 ago. 2025.
- BRASIL. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX). **Dados de intoxicações por medicamentos no Brasil**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2023. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/>. Acesso em: 8 set. 2025.
- BARROS, C. O. M.; LULA-BARROS, D. S.; REIS, F. R. S. A importância da assistência farmacêutica aos pacientes usuários de medicamentos para Covid-19: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S.I.], v. 11, n. 15, e340111537231, 2022. DOI: 10.33448/rsdv11i15.37231. Disponível em: [acesso via Research Gate]. Acesso em: 31 ago. 2025.
- CIPRIANO, F. A.; PEREIRA, L. R. F. Atenção farmacêutica: importância do farmacêutico no contexto do uso racional de medicamentos. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, v. 6, n. 2, p. 39-44, 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. 77% dos brasileiros admitem se automedicar, revela pesquisa. Brasília: CFF, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/03/08/campanha-sobre-riscos-da-automedicacao-esta-na-pauta-da-cas>. Acesso em: 5 set. 2025.
- DOMINGUES, M. P. S. et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 18, n. 2, 2017.

LYRA, J. et al. Impact of pharmaceutical care interventions in the identification and resolution of drug-related problems and on quality of life in a group of elderly outpatients in Ribeirão Preto (SP), Brazil. **Therapeutics and Clinical Risk Management**, [S.I.], v. 3, n. 6, p. 989-998, dez. 2007. DOI: 10.2147/TCRM.S1317.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2387287/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OPAS/OMS). **Resistência antimicrobiana**: uma das maiores ameaças à saúde global. [S.I.]: OPAS/OMS, 2023. Disponível em: [link do documento]. Acesso em: 30 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS); ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Estratégias para a promoção da saúde e prevenção de riscos associados ao uso de medicamentos**. Washington, D.C.: OPAS/OMS, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/strategies-promoting-health-and-preventing-risks-associated-medication-use>. Acesso em: 7 set. 2025.

SILVA, T. M. S.; OLIVEIRA, T. D. S. Educação em saúde como ferramenta de combate à automedicação: fatores culturais e sociais. **Journal of medical and Biosciences Research**, v. 1, n. 3, p. 510–520, 2024. Disponível em: <https://journalmbr.com.br/index.php/jmbr/article/view/335>. Acesso em: 31 ago. 2025.

SILVA, G. R.; DEUNER, M. C.; NASCIMENTO, G. P. V.; OLIVEIRA, G. O. B. Impacto da automedicação na saúde pública: educação como meio de promoção ao uso racional de medicamentos. In: **CIÊNCIAS DA SAÚDE**: abordagens interdisciplinares e inovações científicas. 2025. p. 230–244.

SOTERIO, K. A.; SANTOS, M. A. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2, p. 1-12, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/graduacao/article/view/25673>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SILVA, R. A.; COSTA, P. Literacia em saúde: conceitos, níveis e implicações para programas educativos no Brasil. **Educação em Saúde e Sociedade**, v. 4, n. 1, p. 2234, 2024. Disponível em: [https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S151673132024000100222&script=sci\\_arttext](https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S151673132024000100222&script=sci_arttext). Acesso em: 4 set. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). The role of pharmacists in self-medication and public health: global perspectives. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049066>. Acesso em: 6 set. 2025.